

Lutar contra a dopagem é proteger o atleta

por Marco Aurelio Klein*

Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, no dia 24/03/2015

A palavra doping (dopagem), para o site da Agência Mundial Antidopagem (WADA, na sigla em inglês), deriva do holandês "doop", que significa molho, e deu nome a uma bebida alcoólica feita da casca da uva usada por guerreiros zulus buscando coragem na batalha.

Há quem diga que doping tem origem no verbo da língua inglesa "to dupe", que significa enganar, trapacear. Essa explicação parece apropriada, visto que a dopagem fraudava o resultado esportivo.

Para a Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD), a luta contra a dopagem no esporte não é uma questão sobre drogas; é sobre ética. É o combate à fraude no esporte. Trata-se de preservar a ética esportiva, protegendo os atletas que competem movidos apenas pelo talento, técnica, capacidade de treinamento e vontade de vencer.

A ABCD, da Secretaria Nacional do Ministério do Esporte, é no Brasil a "autoridade principal responsável por adotar e implementar normas antidopagem, conduzir a coleta de amostras, gerir os resultados das análises e realizar audiências, tudo isso em nível nacional", segundo o Código Mundial Antidopagem.

Cabe à ABCD proteger o esporte contra a dopagem. Para isso, há um plano estratégico fundamentado em cinco pontos: informação, educação, prevenção, inteligência e ação.

A informação permite preparar programas e ações de educação para atletas, suas equipes técnicas e famílias, obtendo com isso a prevenção contra a dopagem. A inteligência aponta as ações necessárias ao combate a quaisquer esquemas de dopagem.

Em paralelo ao fortalecimento da ABCD, o governo federal, por meio dos Ministérios do Esporte e da Educação, investe também nas instalações, equipamentos e pessoal do Laboratório Brasileiro de Controle de Dopagem, da UFRJ, no Rio.

O moderníssimo laboratório será o laboratório da Olimpíada de 2016. São apenas 32 os laboratórios no mundo acreditados pela WADA para controle de dopagem. Somente dois no hemisfério Sul. Atualmente, a qualidade de testes supera a quantidade de testes. As melhores

práticas internacionais evidenciam a importância da inteligência no processo, o aumento dos controles fora de competição e a sofisticação das análises pelos laboratórios, cada vez mais adequadas a cada modalidade esportiva.

Atletas são informados de que estão no grupo de controle da sua federação internacional ou da organização antidopagem do seu país, no caso do Brasil, a ABCD, e, a cada 90 dias, devem informar lugar e horário para estarem à disposição para testes. Nos Estados Unidos, testes fora de competição já representam quase 80% do total.

O plano da ABCD para 2015 tem cerca de 300 atletas no grupo principal de testes. Dos 2,5 mil controles planejados, quase 50% serão fora de competição. Nossa meta é que não tenhamos nenhum caso de dopagem entre os brasileiros que competirão nos Jogos do ano que vem.

Nosso sonho é que 2016 possa ser um ano de zero casos de dopagem no esporte brasileiro. Será a vitória da ética no esporte.

* **MARCO AURELIO KLEIN**, 64, é secretário nacional para a Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem. Foi diretor do Alto Rendimento no Ministério do Esporte (governo Lula)